

XXII SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH

SIMPÓSIO TEMÁTICO - Migrações e Identidades Culturais

OS NOVOS MIGRANTES DE CRICIÚMA PARA OS EUA E OS RE-ARRANJOS FAMILIARES E DE GÊNERO

Gláucia de Oliveira Assis
Centro de Ciências Educação Faed/Udesc
Doutoranda Ciências Sociais /Unicamp

Resumo

No final do século XX, a recente emigração de brasileiros para o exterior inseriu o Brasil nos novos fluxos da população mundial. Uma das características desses fluxos é o crescimento da participação feminina. Pesquisas recentes têm demonstrado a importância das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos como articuladoras de redes sociais na migração. Essas redes familiares e de parentesco são fundamentais tanto para aqueles que pretendem empreender a “aventura” de migrar quanto para auxiliar nos momentos da chegada no local de destino. Esse artigo pretende demonstrar que a migração não é resultado apenas de uma escolha racional, mas de estratégias familiares nas quais homens e mulheres estão inseridos, contribuindo para re-arranjos das relações familiares e de gênero. Para percorrer a trajetória dos emigrantes o trabalho de campo realizou-se em dois lugares em Criciúma (SC) e na região de Boston, nos Estados Unidos. Os dados coletados a partir das entrevistas e observação participante têm revelado que as mulheres não apenas esperam por seus maridos ou filhos, mas participam efetivamente do processo integrando e articulando redes de migração. Os dados também sugerem que a migração provoca rearranjos familiares e de gênero ao longo do processo.

Palavras-chave: imigrantes brasileiros, relações de gênero-migração, identidade étnica, redes familiares.

Abstract

The recent emigration of Brazilians people, in late XXth century, has inserted Brazil into the new worldwide population flow. One characteristic of these flows is the growth of women in international migration. In the migration literature women participation in international flows has long been analyzed as subordinated to man, but recent research has illustrated the importance of women in migration flows. This paper intends to demonstrate that migratory process is resulted not only the individual choice, but also social networks (family, kingship, friendship), in which men and women are inserted. The work discusses data from fieldwork in Criciúma (SC) and in the Boston area, in United States. The data emerged from the interviews and participant observation showing that women not only wait for their husbands or children, but also participate in the process integrating and articulating migration networks. The data also made evident the changes in the family and gender relationships, suggesting that the migratory process rearticulate these relationships. This study therefore evidences that other factors, along with the ones of economics nature, contribute for the decision of migrating and make the history of this flow.

Key words: Brazilians emigrants-United States, gender-migration, family-networks, Brazilian-families-networks.

Introdução

*Iracema voou para a América
Leva roupa de lã e anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
(....)
Chico Buarque*

Assim como a Iracema da música de Chico, vários brasileiros voaram para a “América”. Esse novo movimento da população brasileira que na década de 90 consolidou uma migração para os Estados Unidos, a Europa e o Japão, marca uma inversão da auto-imagem do país como uma nação de imigrantes. Conforme demonstraram vários estudos (Sales 1992 e 1999a, Assis 2002 e 1999, Martes 1999, Margolis 1994), o fluxo de brasileiros para o exterior tornou-se uma questão relevante, na medida em que, o que era um movimento esporádico para o estrangeiro nos anos 70 transformou-se num fluxo migratório demograficamente significativo. É importante destacar ainda que ocorreu no mesmo período uma nova corrente migratória para o Brasil. Esses dois movimentos de e/imigração colocaram o Brasil, no final do séc. XX, nos novos fluxos internacionais de mão-de-obra.

Os novos movimentos da população, que se iniciaram no final dos anos 50, caracterizam-se pela maior diversidade étnica, de classe e de gênero, bem como pelas múltiplas relações que se estabelecem entre a sociedade de destino e de origem dos fluxos. Dessa forma, não são apenas os europeus brancos partindo da Europa para “Fazer a América” (cerca de 90% dos fluxos do século XIX), mas também os trabalhadores imigrantes não-brancos partindo dos países periféricos e dirigindo-se para os Estados Unidos, Canadá e outros países da Europa.

Nos versos da música de Chico há ainda um sugestivo tema para esse artigo. Iracema, emigrante brasileira, é uma mulher e, participa como outros milhares de emigrantes brasileiros do projeto de tentar a vida na “América”. Essa característica, não apenas da migração de brasileiros, mas da migração internacional – aponta para o aumento da participação feminina nos mesmos. Segundo Zlotnik (1998), o número de mulheres migrantes no mundo aumentou 63% - de 35 milhões par 57 milhões - entre 1965 e 1990, um crescimento 8% maior que os imigrantes masculinos. Nos Estados Unidos, 53,3% dos novos imigrantes eram mulheres em 1998.

A maior visibilidade das mulheres nas migrações internacionais recentes contribuiu para problematizar as visões cristalizadas sobre a inserção de homens e mulheres migrantes nesse processo, pois até meados dos anos 80, analisam a migração sem considerar a perspectiva de

gênero. Segundo Morokvasic (1984), as mulheres eram representadas de maneira estereotipada como aqueles que seguem os homens – como “dependentes passivas”¹.

No caso da recente emigração de brasileiros para os Estados Unidos, as pesquisas começaram seguindo o percurso dos próprios fluxos migratórios. As primeiras pesquisas² traçaram um perfil da população e apontaram para a cidade de Governador Valadares (MG) como ponto de partida de emigrantes para os Estados Unidos.

Ao longo dos anos 90, conforme demonstram os trabalhos de Martes (2000), Sales (1999a), Reis e Sales (1999), o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos manteve-se contínuo, ao mesmo tempo em que se diversificava a população, complexificando as características da população migrante, bem como revelando outros pontos de partida para a emigração. Dentre esses trabalhos, alguns apontaram para a inserção diferenciada de homens e mulheres ao longo do processo migratório. Martes (1999) descreveu o nicho criado pelas mulheres brasileiras no setor da faxina doméstica em Boston. Debiaggi (2002) analisou o impacto nas relações entre homens e mulheres quando essas passam a ganhar tanto ou mais que os homens. O trabalho de Fusco (1999: 2000), embora não trabalhe com o recorte de gênero para analisar as relações entre homens e mulheres, discute os diferenciais por sexo na migração de valadarenses para os Estados Unidos, reunindo dados que demonstram que as mulheres participam de forma ativa da migração de longa distância, integrando redes de migração. Esses trabalhos representam uma tentativa de compreender a inserção de homens e mulheres na recente emigração de brasileiros.

Para analisar essas questões selecionei uma cidade no Brasil que, assim como Governador Valadares (MG) tem surgido como ponto de partida para emigrantes para o exterior. No final do século XX, em meados dos anos 90, a cidade de Criciúma (SC) emergiu como ponto de partida de emigrantes para os Estados Unidos e Itália.

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa em curso³ que pretende analisar as trajetórias dos emigrantes revelando os re-arranjos familiares e de gênero que ocorrem no processo migratório. A pesquisa realizou-se reconstruindo as trajetórias dos emigrantes. A primeira etapa realizou-se em Criciúma (SC) onde foram entrevistados parentes dos e também um *survey* para traçar um perfil da população. A segunda etapa realizou-se na região de Boston onde concentra-se um significativo número de brasileiros e para onde se dirigem a maioria dos migrantes cricumenses.

Partindo de Criciúma: tecendo redes familiares e de gênero rumo aos Estados Unidos.

A região que hoje compreende a cidade de Criciúma está localizada ao sul do estado de Santa Catarina e distante de Florianópolis 190 Km (via BR 101). No final do séc. XIX, a região sul do Estado de Santa Catarina constituiu-se num encontro de etnias das quais a italiana representa uma

parcela significativa (Arns 1985, Baldin 1987, Nascimento 1993), que ali se instalaram como aspiração do governo ao projeto de colonização de terras do interior do país com mão-de-obra européia e não mais escrava.

Os imigrantes chegaram em 1880 à região da pequena vila de São João de Cresciúma com a tarefa de colonizá-la. A vila foi fundada por 22 famílias, num total de 141 pessoas assim distribuídas: 79 (setenta e nove) homens e 62 (sessenta e duas) mulheres (Nascimento 1993). As famílias imigrantes vieram principalmente do Norte da Itália, especialmente Treviso, Beluno e Cremonana. Os imigrantes vieram através de incentivos do governo brasileiro que se utilizavam de companhias de migração para trazer os imigrantes (Baldin 1987, Arns 1985, Alvim 1999). Eram homens e mulheres que migravam em famílias. As mulheres não migravam sozinhas. Em sua maioria eram pequenos agricultores que vieram em busca de um pedaço de terra para garantir melhores condições de vida para seus filhos.

Nos relatos sobre a fundação da cidade destaca-se a imagem do imigrante pioneiro e da migração familiar. É importante observar que os relatos sobre a história da cidade enfatizam a imagem heróica do pioneiro. Os relatos enfatizam como os imigrantes deixaram a Itália, um país em crise após a unificação, e migraram para o Brasil em busca de terra e melhores condições de vida. O sucesso migratório é apresentado como resultado da coragem e do empenho dos imigrantes, pois eram colonos sem terra na Itália, tornaram-se proprietários de pequenos lotes de terra no Brasil e prosperaram.

Passados 120 anos que os imigrantes chegaram à cidade, na cidade os descendentes dos imigrantes iniciaram um novo movimento, um *caminho inverso*, conforme denominou Savoldi (1998) ao se referir ao movimento de retorno dos descendentes de imigrantes italianos para a terra de seus tataravôs.

No final do século XX, Criciúma tornou-se um ponto de partida de emigrantes para algumas regiões da grande Boston, concentrando-se nas cidades de Lowell, Sommerville e Everett (dados do campo) e para algumas cidades da Itália, onde há parentes e amigos que os auxiliam e estimulam na migração.

Segundo os moradores da cidade, o movimento de emigração estaria relacionado com a crise do setor carbonífero (Teixeira 1996), que o qual, até início dos anos 90, constituía-se na principal atividade econômica da cidade. A crise econômica enfrentada pela cidade, iniciada no final da década de 80 e agravada na década de 90, aponta para uma das razões que tornaram a cidade ponto de partida de inúmeros emigrantes em busca de trabalho na Itália ou nos Estados Unidos, embora não possamos reduzir a migração às motivações econômicas. Como demonstrarei a seguir, a emigração para a Itália e para os Estados Unidos também está associada ao imaginário presente na

cidade, o qual constrói uma conexão entre os imigrantes do passado e os emigrantes do presente e principalmente ao desenvolvimento e ao amadurecimento de redes sociais ao longo do processo migratório.

Ao iniciar a pesquisa não dispunha de dados que traçassem um perfil dessa população. Esses dados foram obtidos através de um *survey*⁴ que foi realizado na cidade. A pesquisa constatou que uma parcela de 3,2% da população de Criciúma tem experiência migratória internacional o que demonstra a relevância da migração para a cidade, já que a média nacional, segundo dados do IBGE, é 1% da população brasileira vivendo no exterior. Ainda segundo o *survey*, a população migrante é constituída por imigrantes jovens (19,7%) está na faixa etária de 25-29 anos e correspondem, em geral, à geração de descendentes de imigrantes para a cidade.

Os emigrantes contemporâneos são em geral jovens, de nível secundário e muitas vezes universitário, que vão para a Itália porque lá podem trabalhar legalmente. Já a emigração para os Estados Unidos tem um caráter diferente, pois mesmo sendo portadores de passaporte italiano, com o tempo os migrantes ficam ilegais nos Estados Unidos. Há também uma maior diversidade étnica e de gênero, pois há uma maior participação das mulheres migrando sozinhas ou acompanhadas de parentes. Os migrantes partem para cidades industriais nos países de destino. As conexões entre aqueles que partiram e aqueles que ficaram também são mais frequentes, pois num mundo globalizado as distâncias ficaram mais curtas com o desenvolvimento dos meios de transportes e comunicação. Os contatos mais frequentes através de cartas, telefonemas e mais recentemente pela internet, indicam que os novos migrantes vivenciam a experiência de viver entre duas culturas. A construção de um campo de relações sociais entre o país de destino e os locais de origem sugere ainda o caráter transnacional (Glick-Schiller, Bash, Blanc-Szaton 1992) desses deslocamentos.

Para apresentar como atuam as redes familiares ao longo do processo migratório, apresentarei para esse artigo a trajetória da família Venturini e procurarei reconstruir o lugar de homens e mulheres, maridos e esposas, filhos e filhas. A trajetória dessa família revela como a migração familiar ocorre percorrendo diferentes caminhos, conforme destacou Hondagneu-Sotelo (1994) ao analisar o estabelecimento de famílias mexicanas nos Estados Unidos. Para a autora, a migração familiar pode ser classificada em três tipos: estágio familiar de migração, no qual a migração ocorre em etapas migrando inicialmente o marido depois a mulher e as crianças; migração da unidade familiar, na qual os casais e filhos migram juntos e migração independente quando migram os solteiros. Os vetores críticos desta tipologia são: gênero e geração.

A família Venturini é composta por descendentes de imigrantes italianos e espanhóis que chegaram à região de Criciúma no final do século XIX e que hoje vivencia a emigração de seus descendentes para a Europa e os Estados Unidos. A história dos descendentes, principalmente dos italianos, é muito valorizada, e os netos ainda se lembram das histórias contadas pelos “nonos” e pelas “nonas”.

A família de Lorena é de classe média: o pai era um pequeno empresário e a mãe era professora aposentada no momento que decidiram migrar. Quando iniciaram a trajetória de migração, os filhos mais velhos estavam ingressando na faculdade.

Para reconstruir a trajetória da família Venturini⁵, conversei com Lorena e Patrícia, filhas de José e Martina, e com as tias Manuela e Carmela. Embora não tenha falado com todos integrantes da família, as entrevistas forneceram um quadro do movimento da família entre os Estados Unidos e o Brasil.

Em 2001, quando iniciei as entrevistas com a família, dos cinco irmãos, três estavam nos Estados Unidos, os pais e um de seus irmãos estavam no Brasil como migrantes retornados e Lorena estava de malas prontas para a Europa, aguardando apenas a resolução do processo de cidadania italiana do namorado para ir para a Inglaterra. O destino dela modificou-se porque, em sua última ida para os Estados Unidos, em janeiro de 2000, havia sido barrada pelo Serviço de Imigração e deportada, pois tentou entrar com o passaporte italiano e, como não falava o idioma, desconfiaram de que ela era migrante.

A família de Lorena em março de 2001, quando foi realizada a entrevista estava assim distribuída. Dos cinco irmãos, dois estão nos Estados Unidos, os pais e apenas um dos irmãos estavam no Brasil como migrantes retornados. Lorena estava de malas prontas, aguardando apenas a resolução do processo de dupla cidadania do namorado, para ir para a Inglaterra. O destino de Lorena modificou-se porque, da última vez que foi para os Estados Unidos, em janeiro de 2000, foi “barrada pela Migração” e deportada, pois tentou entrar com o passaporte italiano e desconfiaram que ela era migrante. Mas essa, é uma longa história...

A trajetória da família Venturini revela essa família espalhada entre o Brasil, os Estados e a Inglaterra. Essa família de descendentes de italianos e espanhóis, vê os filhos e os netos viverem a experiência de viver entre dois lugares. A genealogia⁶ da família demonstra ainda a primeira geração de brasileiros nascidos nos Estados Unidos, uma tendência que foi observada no trabalho de campo na região de Boston.

Lorena Ramella é uma jovem de 22 anos que já viveu desde os 14 anos entre os Estados Unidos e o Brasil, a sua trajetória se insere nas redes familiares de migração e revela como a migração torna-se um projeto familiar, vejamos sua descrição de como a família foi se tornando migrante:

Lorena Ramella: *Meu irmão, ele e mais outro foram na cara e na coragem e a mãe tinha um primo lá. Aí foram e ficaram dois anos. Ficaram direto sem voltar e de vez em quando telefonava, claro. Daí a mãe resolveu que ela e o pai iam lá passear, iam passear e voltar. O pai tinha loja de calçados e não podia sair. Aí a minha mãe e o outro irmão mais novo... Aí foi assim, eles iam primeiro, a gente não ia vender nada, eu o meu irmão e o meu pai tomamos conta de tudo, se eles gostassem de lá a gente venderia as coisas e ia embora para lá também.*

Ai foram ficaram um mês e meio, um mês passeando né? Ai a mãe ligou dizendo que tinha adorado que não voltava mais e que era para a gente vender as coisas, dar um jeito em tudo, daí um mês e meio meu pai vendeu a loja para a minha tia e a gente alugou esta casa e a minha irmã mais velha não quis ir. Ai a minha irmã mais velha ficou morando com a avó e foi eu e o pai. Tava quase toda a família lá já fazia uns 8 meses e a minha irmã resolveu ir também. Ela não tinha visto daí veio visto de 3 meses aí ela no pode pensar muito teve que ir rapidinho. Toda a família inteira a gente ficou 2 anos.

Para iniciar esse debate gostaria apenas de destacar que Lorena ao longo de seu depoimento foi demonstrando como mudaram suas expectativas em relação as perspectivas de vida em Criciúma, na realidade desde o início da entrevista diz que sempre quis sair da cidade. Assim, considera migrar para outro lugar ao invés de permanecer em Criciúma como suas amigas que em sua idade como uma possibilidade de não repetir a trajetória das amigas que ficando em Criciúma já estão casadas e com filhos.

Assim, a família Venturini foi se estruturando entre os dois lugares, estabelecendo uma rede de relações onde pais e filhos redefiniram suas posições, ao longo do processo. Durante a permanência nos Estados Unidos, o pai sentiu-se com menor autoridade sobre os filhos, o que foi um dos fatores que o motivou a retornar ao Brasil: “não tinha mais o controle dos meus filhos/as” relatou em sua entrevista. Ao mesmo tempo, os filhos e filhas sentiam maior autonomia para decidir onde viver. Se nos Estados Unidos isso foi fonte de conflito, em alguns momentos, atualmente sempre retornam a casa dos pais. Os mais jovens como Lorena e Matheus circularam mais entre os Estados Unidos e o Brasil e agora, Inglaterra, no caso de Lorena. Segundo o relato dos pais, os filhos continuaram a ajudar a família, mesmo depois de estabelecidos no exterior. Em contrapartida, são os pais que administram os investimentos e também cuidam das netas quando vêm ao Brasil. O relato da família Venturini é interessante para compreendermos com se constroem e se consolidam as redes de migração.

Essas redes sugerem a pertinência da análise de Yanagizako (1977) para nos ajudar a compreender como se articulam as redes familiares dos imigrantes criciumenses. Analisando duas gerações de imigrantes japoneses, Yanagizako (1977) demonstrou a importância das mulheres centradas nas redes de parentesco. Assim ao invés de perceber essa atuação das mulheres nas relações de parentesco como matrifocalidade⁷, a autora aponta para a centralidade das mulheres nas redes de parentesco interconectando outros domicílios.

O relato da família Venturini nos leva a pensar que também nesse caso, as mulheres atuam como articuladoras de redes de parentesco, pois se observa um padrão semelhante que sugere que essa rede feminina se constrói da mesma forma. Os pais e irmão de Marcos quando migraram, embora tenham ido encontrar com o filho mais velho que já estava estabelecido nos EUA, não encontraram

nele o apoio que esperavam. Marcos já estava casado e havia constituído uma nova família, o que criou conflitos com a família. Diante desse fato, a segunda filha, que migrou oito meses depois, foi quem assumiu ficar junto com a família e ajudar a realizar os objetivos. A mãe logo arranhou um emprego de faxineira junto com uma prima materna com quem trabalhou inicialmente antes de entrar para uma firma de faxina na região de Boston. Por outro lado, Lorena nos relata que sempre que retornou aos EUA ficou na casa da irmã, mesmo o irmão morando na mesma cidade. A tia materna quando migrou para os EUA, também ficou na casa de Patrícia nos primeiros tempos e foi ela que ajudou a arranjar trabalho no mesmo local onde trabalhava, uma loja de confecções. Segundo os pais, as filhas mantêm-se em contato mais freqüente, e embora os filhos também ajudem, parece que contam mais com as filhas.

Essa situação também foi observada em outras famílias entrevistadas. Na família Cruz também o primeiro a migrar foi o irmão mais velho, que se manteve em contato com a família no Brasil. No entanto, foi só quando a irmã migrou é que os outros irmãos e inclusive a mãe resolveram migrar, também para a região de Boston. Letícia, após ficar viúva, emigrou com o filho pequeno para tentar uma vida melhor para os dois. Depois que emigrou foram sua mãe, irmã mais nova e o irmão. Todos moraram na casa do irmão mais velho por um tempo, mas aos poucos a irmã saiu e os outros irmãos também. Atualmente é a irmã quem centraliza as relações familiares, a mãe trabalha com ela na faxina, ajuda à irmã e ao irmão mais novo que migrou por último.

No caso da família Ramella, ocorreu um arranjo diferente, pois o casal Ramella recebeu o irmão e o primo do marido, mas nesse caso eles não permaneceram por muito tempo, segundo o casal, eles não se adaptaram ao ritmo de vida e trabalho nos Estados Unidos. Embora esses dados sejam de natureza qualitativa, evidenciam a importância dessas redes de parentesco que ligam mãe, filhas, netas não apenas entre si, mas também através delas os pais, irmãos e primos se ligam com os familiares sugerindo que, assim como nas gerações de migrantes japonesas, pode-se perceber essas mulheres centradas nas redes de parentesco entre os imigrantes criciumenses.

As entrevistas realizadas revelam que os homens que emigram, muitas vezes deixando suas esposas, têm que confiar a estas a administração do dinheiro que remetem ao Brasil. Assim muitas mulheres tornam-se empreendedoras no Brasil, o que muitas vezes gera desconfiança dos outros familiares, ou do próprio marido. O medo de trabalhar e com o tempo perder a família no Brasil é recorrente entre estes migrantes, uma situação com a qual seus bisavôs nunca imaginaram passar...

As mulheres por sua vez, quando migram solteiras, encontram um outro mundo para conhecer e vivenciar bem diferente dos horizontes colocados pela cidade. Algumas entrevistadas eram jovens universitárias, solteiras que queriam ter outras experiências na vida, que não apenas casa e ter filhos que parece ser o destino reservado aquelas que ficaram. Algumas delas quando retornam ao Brasil e encontram suas amigas casadas se perguntam quando vão para de ir e vir.

Os casamentos continuam a ocorrer, mas é interessante observar que em geral os homens casam-se com as mulheres brasileiras, muitas vezes da mesma cidade, enquanto as mulheres brasileiras, tanto nos Estados Unidos quanto na Itália, casam-se mais com os estrangeiros, o que pode levantar questões sobre quais expectativas e representações existem sobre a mulher brasileira, geralmente associada à idéia de boa esposa e mãe.

Enquanto seus filhos/as e netos/as trabalham pelo mundo, as nonas e mães tocam sua vida, preparam a casa para recebê-los, muitas vezes administrando o dinheiro que é enviado. Essas questões precisam ser analisadas com mais detalhe mas sugerem vários arranjos familiares nesse processo. O contato com o Brasil entre os emigrantes e os que ficam é mantido através das cartas, fotos, telefonemas e mais recentemente através da internet, atualizando e reforçando a idéia do projeto familiar, econômico e afetivo que é a imigração (Assis:1999). Fazendo, dessa forma, com que o projeto de emigrar seja visto, não apenas como desestruturador das relações familiares, visão presente nos discursos sobre a migração na cidade, mas como uma realidade que possibilita novos arranjos familiares e de gênero.

Considerações Finais

Os dados apresentados apontam para diferentes aspectos da inserção de homens e mulheres nos fluxos migratórios evidenciando que, no passado e no presente, homens e mulheres modificam suas identidades de gênero e seu lugar na família no processo migratório. A inserção no mercado de trabalho, o aprendizado de uma nova língua, o contato com outra cultura, a possibilidade de reconstruir suas identidades, as modificações e reconstruções das relações familiares entre os dois lugares sugerem a importância de um olhar que procure perceber o processo migratório e as redes familiares que o sustentam na origem e no destino.

Além disso, ao incorporar a categoria gênero na análise dos fluxos migratórios, a migração deixou de ser vista apenas como uma escolha racional de indivíduos sozinhos e emerge envolvida em redes de relações sociais, como uma estratégia de grupos familiares, de amigos ou pessoas da mesma comunidade. Neste contexto, as mulheres e os homens, em diferentes momentos aparecem como os "elos" que ligam - aqui e lá - através de redes sociais que ajudam nos primeiros momentos na sociedade de emigração e também ajudam a manter os laços com o lugar de origem.

Assim, ao invés de pensar a migração apenas como provocando a quebra dos laços, procurei complexificar a análise demonstrando que também possibilita novos arranjos familiares e de gênero. Portanto, a família migrante não pode ser vista apenas como aquela cujos laços se desfazem no contexto de migração, mas como tendo suas relações reconstruídas num contexto em que também se redefinem as relações de gênero.

Bibliografia

- ALVIN, Zuleika. “O Brasil Italiano (1880-1920)”. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999, p. 383-419.
- ARNS, Otília. 1985. *A semente deu bons frutos: Criciúma 1880-1980*. Florianópolis: Imprensa oficial.
- ASSIS, Gláucia de O . 2003. De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração. Campos Revista de Antropologia Social. UFPR. (no prelo).
- ASSIS, Gláucia de O. 2002. Estar aqui... estar lá... Uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos. *Textos Nepo 41*. Campinas, Núcleo de Estudos de População, jun 170p.
- _____. 2000. “Os novos fluxos da população brasileira e os rearranjos familiares e de gênero”. *ANPOCS*. Petrópolis.
- _____. 1999. “Estar aqui... Estar lá... Uma cartografia da emigração valadarense para os Estados Unidos”. In: REIS, Rossana e SALES, Teresa. *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo, Boitempo.
- BALDIN, Nelma. 1999. *Tão fortes quanto a vontade. História da Imigração Italiana no Brasil: os vêneto em Santa Catarina*. Ed.Insular / Editora da UFSC. Florianópolis.
- BÓGUS, L. M. & BASSANESI, M. S. 1998. “Do Brasil para a Europa. Imigrantes Brasileiros na península Itálica neste final de século”. In: BASSEGIO, Luiz (apresentação) *O fenômeno migratório no limiar do terceiro milênio: desafios pastorais*. Petrópolis, Vozes, p. 68-91.
- BOYD, Monica. 1989. “Family and Personal Networks in International Migration: recent developments and new agendas”. *International Migration Review*. 23 (3), p.639- 669.
- FUSCO, Wilson.(2001) Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. Textos Nepo 40. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp.
- FUSCO, W.(1999) Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares. Anais II Encontro Nacional de Migração ABEP/GT Migração. Ouro Preto.
- GLICK-SCHILLER, Nina, BASH, Linda, BLANC-SZATON, Cristina. 1992. *Towards a transnational perspective on migration: race, class, ethnicity, an nationalism reconsidered*. Annals of the New York Academic Sciences 645. .
- HONDAGNEU-SOTELO, P. 1994.*Gendered transitions: mexican experiences of immigration*. Berkeley and Los Angeles, London: University of California Press.
- MARGOLIS, Maxime L. 1994. *Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City*. New Jersey: Princeton University Press, 329p.
- MARTES, Ana C. B. 1999. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes me Massachusetts*. São Paulo, Paz e Terra.
- MASSEY, Douglas et al. 1987. *Return to Aztlan - the social process of international migration*

from Western Mexico, Berkeley, University of California Press, pg.139-171.

MOROKIVASIC, Mirjana, 1984. “Birds of Passage are also women”. *International Migration Review*. 28 (4) p. 886-907.

NASCIMENTO, Dorval. 1993. Formação Histórica de Criciúma (1880-1930). A elite dominante e a formação da cidade. Trabalho de Conclusão de cursos de pós-graduação em História. Universidade do Extremo Sul Catarinense.

PORTES, Alejandro. & RUMBAUT, R. 1990. *Immigrant in America: a portrait*. Berkley: University of California Press.

SALES, Teresa. 1999a. “Identidade étnica entre imigrantes brasileiros na região de Boston”. In: REIS, Rossana. & SALES, Teresa. (Org.). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo. Boitempo, p.17-44.

SALES, Teresa. 1999b. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo, Ed. Cortez.

SAVOLDI, Adiles. 1998. *O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social Social , Florianópolis, UFSC.

TEIXEIRA, José Paulo. 1996. *Os donos da cidade*. Florianópolis, Editora Insular.

THOMAS, William I. & ZNANIECKI, Florian. 1984. *The Polish Peasant in Europe and America*. Chicago, University of Illinois Press.

TILLY, Charles. 1990. “Transplanted Networks” In: YANS-Mc LAUGHLIN (ed.), Virginia, *Immigration Reconsidered*. NY, Oxford, Oxford University Press, p.79-95.

YANAGIZAKO, Silvia J. 1977. “Women-centered kin networks in urban bilateral kinship”. *American ethnologist*. 4 (2), 207-226.

ZLOTNIK, Hania. 1998. “International Migration 1965-96: An Overview,” *Population and Development Review*, Vol. 24 (3) pp.429-468.

¹ Uma discussão sobre como os estudos de migração abordaram a questão de gênero encontra-se em Assis (1999 e 2003).

² Sales (1992), Margolis (1994), Assis (1995), Soares (1995).

³ Assis, Gláucia de O. Os novos fluxos da população brasileira e as transformações nas relações familiares e de gênero. Campinas, 1999.(Projeto de Doutorado)

⁴ A pesquisa foi coordenada pela professora Teresa Sales. A coleta de dados foi realizada nas cidades de Criciúma (SC) e Maringá (PR) e forneceram o histórico migratório, o perfil sócio-demográfico e caracterização da população migrante. A equipe de pesquisa era constituída por Wilson Fusco, que coordenou todo o trabalho de campo, por Elisa Massae Sasaki que coordenou o trabalho de campo em Maringá e por mim, que coordenei o trabalho de campo em Criciúma. A pesquisa foi financiada pela FAPESP e teve por objetivo traçar a configuração das redes sociais nas cidades de origem dos fluxos de brasileiros.

⁵ Para preservar a identidade dos imigrantes, visto que maioria é indocumentada, os nomes que aparecem ao longo do texto são fictícios.

⁶ A genealogia da família Venturini encontra-se em Assis (2003).

⁷ Segundo Yanagizako (1977:208) o termo matrifocalidade enfatiza a centralidade e o poder da mãe nas relações dentro da casa/domicílio.